

O LAZER FÍSICO-DESPORTIVO E O RISCO:
REFLEXÕES A PARTIR DAS IDÉIAS
DE NORBERT ELIAS E SIGMUND FREUD

ADVENTURE LEISURE SPORTS AND RISK:
REFLECTIONS ON THE IDEAS OF
NORBERT ELIAS AND SIGMUND FREUD

*Monique Ribeiro de Assis
Lamartine Pereira Dacosta*

Universidade Gama Filho

RESUMO: O objetivo do presente estudo é discutir o lazer físico-desportivo envolvendo risco e aventura a partir do pensamento de Norbert Elias. Trata-se também de questões do envolvimento do homem com o risco, do prazer ou da necessidade de viver fortes emoções à luz das análises de Sigmund Freud. É neste sentido, então, que se usa um referencial teórico central conciliador de dois pensamentos fundadores das atuais ciências sociais. Discute-se inicialmente a questão da tensão no mundo contemporâneo. Posteriormente, expõe-se uma reflexão sobre o risco. E, por fim, vislumbrou-se possíveis imbricações da busca da tensão com a corporeidade.

PALAVRAS CHAVE: Risco, lazer aventureiro, tensão

Nos dias atuais, em que o mundo do trabalho está passando por grandes transformações e afastando o homem do significado dos seus fazeres profissionais, o papel do lazer necessita ser constantemente reexaminado. O fato do lazer ter sido durante muito tempo considerado apenas em simetria ao trabalho, não deixava de ser um julgamento de valor que o colocava por vezes em uma categoria subalterna. Tratava-se eventualmente de um pensamento míope e equivocado, pois o lazer, afinal, tem sido demonstrado como um fenômeno social autônomo.

Consideremos, então, que se a função do lazer fosse somente a de proporcionar alívio para a tensão (o que traduz a idéia da tensão como algo negativo) ou para a fadiga, provocadas pelo dia-a-dia penoso do mundo do trabalho, seria, neste caso, mais provável que as pessoas urgissem por uma "cinestesia da imobilidade", como define BARTHES (1993).

Entretanto, em oposição a tal desaceleração, mais e mais pessoas, num mundo pontuado pelo controle, pelo distanciamento da natureza e por uma artificialização do que era concebido como natural, busquem, ou melhor se

arrisquem, em atividades esportivas de aventura e de risco.

No ar, no mar ou na terra, esses personagens parecem estar em busca de diferentes possibilidades de expressão, de excitação. A vivência da aventura, do risco, da fortuidade e da emoção surgem como um contraponto a uma tendência atual de se perceber o mundo pelas vias da razão; uma racionalidade que, como aponta FERREIRA (1993) não tem razão de ser.

Neste ensaio buscamos refletir sobre o papel do lazer aventureiro vis-à-vis o pensamento de Norbert Elias. Tratamos, também de questões do envolvimento do homem com o risco, do prazer ou da necessidade de viver fortes emoções à luz das análises de Sigmund Freud. É neste sentido, então, que usamos um referencial teórico central conciliador de dois pensamentos fundadores das atuais ciências sociais.

No caminho percorrido por esta investigação discutiu-se inicialmente a questão da tensão no mundo contemporâneo. Posteriormente, foi exposta uma reflexão sobre o risco. E, por fim, vislumbrou-se possíveis imbricações da busca da tensão com a corporeidade.

Tensão

No ensaio, "A busca da excitação no lazer", Norbert ELIAS, Eric DUNNING (1992a), refletem sobre o papel do lazer nas sociedades contemporâneas. Segundo esses autores, as rotinas públicas e privadas da vida exigem que as pessoas mantenham um perfeito domínio sobre os seus afetos. A excitação, o impulso e a emoção são severamente suprimidos das ocupações quotidianas.

Sem dúvida, explosões incontroláveis de paixão, medo, dor e excitação coletiva tornam-se cada vez mais raras. Mesmo em situações hediondas, de violência, fome e discrepâncias sociais, as pessoas aprenderam a controlar suas próprias emoções. É preciso ter autodomínio sobre qualquer excitação exagerada. "Os indivíduos que agem de forma bastante excitada sujeitam-se a serem conduzidos a um hospital ou prisão" (ELIAS, DUNNING, 1992a. p.102).

Acentuado medo, grande alegria e profundo sofrimento não são publicamente bem aceitos, redundando em vergonha e arrependimento àqueles que se expuseram. As emoções têm que ser tão controladas que as pessoas cada vez mostram menos de si mesmas, ou de fato, cada vez mais distanciam-se de si mesmas, não se conhecem mais. O controle que exercem sobre si já não se encontra sob o seu domínio, e tão automatizado está que passa a se constituir como parte estruturante da sua personalidade.

GARCIA-ROZA (1990a) reflete sobre este compromisso com a ordem frente a desordem do mundo questionando tal modelo como hegemônico, porém fictício da idéia de um mundo natural e ordenado. "Que haja uma natureza, isto não quer dizer que não haja também o acaso. Acaso e natureza não são noções que se ofereçam ao espírito em um mesmo registro. Enquanto a natureza pode ser demonstrada, o acaso escapa de toda e qualquer demonstração, está muito mais próximo do silêncio, do que enunciados claros e distintos" (ELIAS; DUNNING, 1992a. p.37). A própria ciência tenta de todas as formas repudiar o caos e produzir uma inteligibilidade necessária

ao bem estar comum. O homem moderno julgou ter dominado o acaso.

Os indivíduos, nestas circunstâncias, deparam-se com diversas restrições sociais e individuais, evitam os extremos, introjetam mecanismos de controle e vivem o quotidiano de uma forma rotineira.

Entretanto, como apontam ELIAS, DUNNING (1992a), a análise profunda do processo de civilização indica que os movimentos sociais controlados e banalizados produzem, em contrapartida, movimentos no sentido oposto, em busca de um equilíbrio. Dentro deste contraponto podemos situar algumas atividades de lazer, que promovem uma interdição à trivialidade do quotidiano monótono e repetitivo. "O lazer assumiria uma importante função de resistência, ruptura, libertação ou evasão em relação a uma crescente banalização ou rotinarização da vida quotidiana" (PAIS, 1994. p.102).

O que parece ocorrer é que a atividade de lazer apela diretamente para os sentimentos do indivíduo. Anima-o, cria tensões e dinamiza a excitação. O perigo, a alegria, o medo e a raiva são produzidos e resolvidos no âmbito do divertimento, não comprometem e não põem em risco a relativa ordem da vida social.

Estaríamos, então, diante de atividades miméticas, que permitem um desanuviar no seio da sociedade, constituindo-se em uma sensação/tensão agradável que pode ser, até certo ponto, desfrutada sem esbarrar na censura social e sem aviltar os limites impostos pela consciência de cada um.

Miméticas porque segundo ELIAS, DUNNING (1992a), desencadeiam emoções e sentimentos relacionados com as que se experimentam em situações da "vida real", transpostas e combinadas com uma espécie de prazer. Permitem elas que os indivíduos vivenciem riscos, superem limites, amem, matem, provem da intensa ansiedade da derrota e saboreiem o doce sabor das grandes vitórias.

De uma maneira singela, o lazer proporciona, por um breve período de tempo, emoções fortes e agradáveis que na maioria das vezes não estão presentes nas rotinas das pessoas. A sua função não é simplesmente, como é comumente pensado, de aliviar a tensão, mas a renovação desta medida de tensão.

O lazer, por outro lado, não está livre do controle e das restrições sociais. Decerto, ele também está sujeito a uma certa massificação e - imposições de rotinas, enfim, a uma banalização em que toda a trivialidade e monotonia da vida cotidiana seria transposta para ele. Segundo PAIS (1994), o "extraordinário lazer acabaria por ser transformado no ordinário quotidiano" (PAIS, 1994. p.100). Isto não deixa de ser, em última análise, uma inversão do conceito de lazer.

A função do lazer seria pois proporcionar um momento de interdição a todo este controle. "Permitem as pessoas tornar mais fáceis ou ridicularizar as normas de sua vida de não lazer, e todos o fazem sem ofender a consciência ou a sociedade. Envolvem brincar com a norma, brincar com fogo" (ELIAS, DUNNING. 1992b. p151).

Muitas vezes, esse "brincar com fogo", implica em atividades com risco envolvido, bem como, o "risco", o "ir até o limite" é um ingrediente essencial da atividade. É, na verdade, o que constitui parte integrante do prazer. Neste ponto,

o controle emocional pode ser atenuado e a excitação vivenciada e estimulada abertamente.

O Risco

Parece existir um brilho especial no movimento de perseguir um esforço muito além das forças humanas, apesar do cansaço, a indecisão, do medo não ceder aquela vontade de abandonar tudo, e desistir. O extremo, neste caso como reflete BRETON (1991), vem para reunir os fragmentos de uma identidade despedaçada.

A eterna busca de se aproximar do "extremo" envolve uma reivindicação constante do limite, do qual o indivíduo, ultrapassando as fronteiras da racionalidade, se lança em uma procura sem fim. Trafega no limite máximo de suas forças, para provisoriamente se sentir existir, se sentir inteiro.

Segundo BRETON (1991) as práticas que se alimentam do excesso, do desgaste e que se desenvolvem "no fio da navalha", representam uma interface entre a vertigem e o domínio e forjam um tipo de personalidade na qual o indivíduo tem sempre que estar submetido à uma dura prova. Neste sentido, persegue-se um ideal de ascese e de controle sob si próprio. Mas ao mesmo tempo, o risco coloca em prova os nervos do indivíduo levando-o bem próximo de uma falência psíquica (sofrimento, desgaste, medo). É preciso rejeitar a solicitação de parar. Viver a provação/privação faz com que o indivíduo mergulhe em um "segundo estado" de "consciência".

Segundo o autor, a memória da vertigem vivida é profundamente gravada no corpo e representa o alcance ao limite pessoal simbolicamente esperado. As marcas inscritas no corpo resgatam o simbólico, atingem o indivíduo em sua alma, confirmam a sua existência e seu sentimento de identidade.

A sensação da existência impregnar o corpo só é atingida em sua plenitude no limite da coragem, do excesso, do extremo e do sofrimento, no máximo das forças. "É a privação do corpo que assegura o acesso ao sentido" (BRETON, 1991, p.70).

Recorrendo a CAILLOIS (1958), em seu livro *Os jogos e os homens: a máscara e a vertigem*, nos deparamos com o que o autor definiu como uma das quatro categorias fundamentais do jogo a ilinx ou vertigem. A ilinx consiste em uma busca de, por um instante, perder o equilíbrio, a estabilidade e a consciência lúcida e mergulhar em uma espécie de pânico, de transe de hipnose. O êxtase é a perturbação causada pela vertigem, quase como um desfalecimento temporário.

Jogos que propiciam mais um espasmo do que um divertimento. Velocidade extrema, queda livre, sensações de intensidade e brutalidade capazes de estontear o organismo possuem uma finalidade em si mesmas. Indivíduos pálidos de náusea e de terror que se submetem à vários "suplícios" para alcançarem a tão desejada fruição.

As práticas aventureiras são fundantes, marcam um encontro do indivíduo com o ele próprio, com a coletividade e com seus ancestrais míticos. Remetem ao tempo primordial, ao tempo fabuloso do princípio, da criação. Enfim, a aventura propicia ao piloto um instante de abandono do cotidiano profano e um mergulho na sacralidade.

Sem contar que a aventura possui um grande significado na formação do arquétipo do herói. Arquétipo este que povoa as camadas mais profundas da psique humana e que vem a constituir-se como uma impressão, uma marca, uma imagem no inconsciente de todos nós. Segundo MAGALHÃES (1984), o inconsciente coletivo, representa um substrato psíquico mais profundo e comum a todos os seres humanos. Em outras palavras, constitui-se em um patrimônio individual do ser, que se encontra, se atualiza e se manifesta em cada uma de nossas vidas particulares.

Isto pode explicar o fato de algumas situações que suscitam temas arquetípicos, terem um grande efeito em cada um de nós. Parece que experimentamos subitamente uma extraordinária sensação de liberação a ponto de sermos cativados e dominados por um poder irresistível. Em momentos assim, deixamos de ser indivíduos e nos tornamos a massa. Isto pode ser visto no número de espectadores presentes nos eventos que envolvem o esporte.

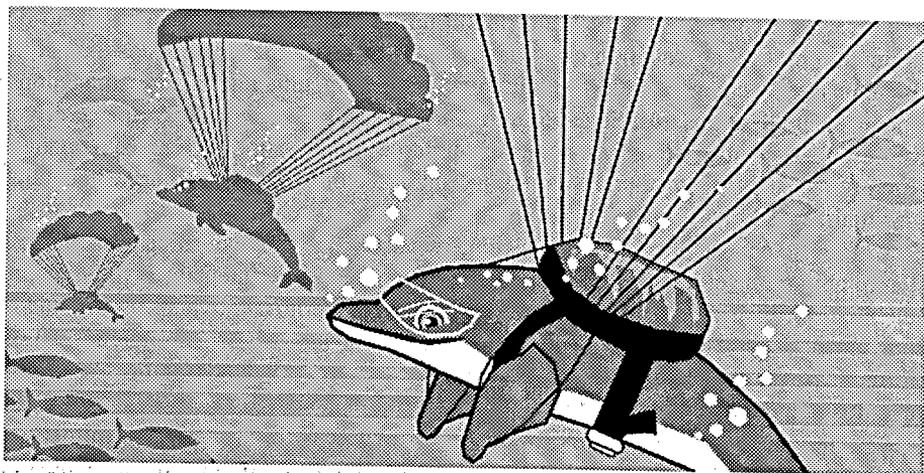
A busca do extremo se traduz em um desejo de ter acesso à mitologia. O corpo a corpo com a natureza, a perseguição de um esforço intenso e prolongado, propiciam uma dimensão da solidão e da realidade da relação do indivíduo com o mundo. O sofrimento e o desgaste físico e psíquico se transformam, metaforicamente, em ganho simbólico.

Nos dias presentes, como ter a possibilidade de vislumbrar este tão fascinante e fundante mundo dos heróis, se cotidiano atarefado, automatizado e banal parece ter um efeito anestésico na capacidade de criação e expressão do homem?

Segundo Vera COSTA (1997):

A aventura no século XX, às portas do século XXI parece-nos ressemantizada. Sua ligação no esporte e o surgimento das ligações à natureza são uma expressão disso. Afastada da cidade onde a previsão e organização urbana é dominante, a aventura ressurgiu nos domínios do esporte, onde o homem, ao abandonar os alicerces seguros dos horários, locais e pessoas, pode flutuar num universo de incertezas (...).

Esta mesma autora relata que o desportista-aventureiro é tudo o que o imaginário de sua cultura permitir. Entretanto, não somos todos aventureiros, arrojados e destemidos. Que particularidade psíquica possuem esses aventureiros, que, pelo próprio desejo, lançam-se em atividades de lazer, que mesmo cercada de apetrechos de segurança, promovem, pela presença do risco, uma carga de tensão e propiciam um contato íntimo com o perigo?



Sigmund FREUD (1976), em sua obra "Além do princípio do prazer" comenta que todos os nossos desejos são determinados pelo princípio do prazer, ou seja, quando experimentamos uma tensão desagradável, corremos para algo que imaginamos que irá evitar esta tensão ou até mesmo produzir prazer. Isto baseia-se na hipótese de que o aparelho mental se esforça por manter a quantidade de excitação nele presente o mais baixo possível, ou, pelo menos, por mantê-la constante. Qualquer coisa que aumente esta quantidade está destinada a ser sentida como adversa ao funcionamento do aparelho psíquico, ou seja, como desagradável.

Este movimento em direção à constância da excitação, não contradiz a busca da excitação como vista sociologicamente por Norbert Elias e Eric Dunning. Estes autores se referem ao controle das emoções nas sociedades ocidentais, que acabam por bloquear as relações do inconsciente com o mundo externo. Nesta perspectiva coletiva os desejos inconscientes não conseguem mais ter acesso ao objeto que irá suprir a falta e trazer com isso a satisfação que o aparelho mental anseia. Esta falta de possibilidade de satisfação do desejo, é que redundará em um aumento de excitação inconsciente e em uma radical sensação de desprazer.

No âmbito da psique, uma hipótese para tentar mapear o movimento em direção à tensão presente nos aventureiros, pode estar relacionada à necessidade de estar sempre vivendo emoções fortes na tentativa constante de atender aos desejos inconscientes. Neste caso a tensão vem para transformar a tensão. O risco para o aventureiro é gozo puro, é expressão, é vida.

Portanto, não é surpreendente que FREUD (1976) teorize o prazer como um método primário de funcionamento do aparelho mental e que do ponto de vista de auto-preservação do organismo, ele é eficaz, imediatista e por isso muitas vezes perigoso. O ego, todavia, possui seus mecanismos de autopreservação, em que o princípio do prazer é substituído pelo princípio de realidade. "Este último princípio não abandona a intenção de fundamentalmente obter prazer; não obstante, exige

e efetua o adiamento da satisfação, o abandono de uma série de possibilidades de tê-la, e a tolerância temporária do desprazer como uma etapa no longo e indireto caminho para o prazer" (FREUD, 1976. p.20).

Nesta interpretação freudiana há consonância com o conceito central de double-bind, seguido explicitamente por Elias ao generalizar a ordem social como tendo duas faces à moda do deus grego Janus: a identidade individual ou de grupo tem sempre atributos negativos e positivos, gerando portanto oposição e tensão crescentes¹. Como se a pulsão de vida e de morte caminhassem lado a lado, regulando-se mutuamente.

Então o risco extraído da convergência entre Freud e Elias é sobretudo um risco calculado. Os aventureiros respondem aos desejos pulsantes do inconsciente balizados pela ética do princípio de realidade do ego. Por isso o planejamento obsessivo, que antecede às práticas que eventualmente envolvam situações de risco.

O Corpo

Fazendo mais um sobrevôo dentro de alguns conceitos da psicanálise, é válido pensar na questão do corpo para vislumbrar alguns pontos sombrios que surgem na perspectiva da desordem e compreender porque o risco para o aventureiro transforma-se em objeto do desejo.

É comum pensar o "corpo" como algo organizado, composto de partes com seus limites e princípio de funcionamento. O corpo, assim concebido, é um corpo natural, mecânico, uma máquina energética. Uma outra forma de se abordar o corpo é considerá-lo submetido à linguagem, ou mais precisamente, apossado pelo simbólico e distinto do corpo biológico.

A psicanálise, de acordo com GARCIA-ROZA (1990a), vai mais além do que seria a dualidade corpo biológico e corpo simbólico. A dualidade a qual este conhecimento se baseia constitui-se pelo que é ordenado (que inclui o corpo biológico e a linguagem) e aquilo que é exterior à ordem: as pulsões em estado bruto, pura potência indeterminada.

Corpo linguagem (ordem) e corpo pulsional (anarquia, acaso) é mais um aspecto do dualismo freudiano, além do princípio do prazer e princípio da realidade já mencionada anteriormente. Daí o corpo pulsional diferir do corpo simbólico, pois ele não é apropriado pela linguagem e não se constitui em sentido, não é representável por ser de outra ordem.

FREUD (1974a) declara que o alvo desta pulsão é a satisfação em todos os casos. E, de fato, esta satisfação só pode ser obtida através do objeto. Entretanto, como ainda aponta GARCIA-ROZA (1990a), ao contrário do instinto² que tem seu

1 Segundo NEIBURG, F., (1999, p.59-61), o nexo de double-bind é originário de Gregory Batesen tendo sido incorporado por Elias em sua teoria de relação constitutiva entre violência e pacificação.

2 Cabe aqui esclarecer um pouco mais a diferença que este autor estabelece entre instinto e pulsão. Admitamos, por um breve momento, a idéia fictícia de um mundo natural, composto de corpos materiais e ordenados por determinadas leis. Corpo este totalmente desvinculado da linguagem. Neste mundo, assim concebido, o corpo animal não é auto-suficiente,

objeto específico, a pulsão caracteriza-se por não ter objeto próprio. "De fato, qualquer objeto pode ser objeto da pulsão, ele é o que há de mais variado, nos diz Freud, não está originalmente ligado a ela, mas com ela se articula apenas em função de sua aptidão para possibilitar a satisfação" (GARCIA-ROZA, 1990a. p.65).

O que ocorre é que entre esse objeto de satisfação e a pulsão não existe uma relação direta ou uma profunda adequação; existe, uma relação entre objeto e o desejo. "Entre a pulsão e o objeto, há o desejo e a fantasia" (GARCIA-ROZA, 1990a. p.65). Desta forma, um objeto só se constitui como objeto da pulsão se ele se fizer objeto do desejo. Como é pela fantasia que o objeto se articula com o desejo, ela é a mediação necessária entre a pulsão e o desejo.

A pulsão reclama, através do desejo, a satisfação. A fantasia manifesta-se naquele momento por dotar o objeto de qualidades que irão aplacar o desejo, proporcionando um cancelamento de estimulação da fonte. Como este objeto não é pleno, mas sim emprestado e por consequência inadequado, a pulsão permanece como uma força constante, capaz de ser apaziguada, mas não extinta. A satisfação plena é impossível, pois a pulsão é submetida ao mundo da razão. Esta submissão ao mundo dos signos (da ordem), de certa forma, impede sua satisfação. "De objeto em objeto, o desejo desliza como que numa série interminável, numa satisfação sempre adiada e nunca atingida" (Garcia-Roza, 1992. p.139).

Como antes reconhecido, na articulação com o mundo da linguagem que a pulsão pode buscar a sua satisfação, mesmo que isso se dê somente de forma parcial. A sublimação assim se revela como uma das modalidades possíveis de satisfação. Como sugere GARCIA-ROZA (1990a), a sublimação caracteriza-se pelo desvio das pulsões de seus alvos sexuais em direção a outros que não apresentem relação aparente com o sexual, "trata-se, segundo Freud, da pulsão de alvo inibido, isto é, de processos dos quais há um avanço no sentido da satisfação mas ao mesmo tempo uma inibição ou um desvio desse alvo. Isto possibilita que haja uma satisfação parcial" (GARCIA-ROZA, 1990a. p.69).

A sublimação aparece como defesa contra o sofrimento decorrente da não saciedade das pulsões, além de ela ser flexível, possibilita satisfações substitutas que sejam socialmente valorizadas.

Tudo, porém, como também ressalta GARCIA-ROZA (1990a), tem seu preço. O que ocorre com essa satisfação, obtida com objetos sublimados, insiste em não se sustentar e, além de tudo, como aponta FREUD (1974b), em não convulsionar nosso ser físico. As pulsões exigem uma dose de satisfação no nível do real. Na sublimação, falta intensidade necessária para comover nossa corporeidade.

é marcado pela falta e necessita de algo externo para satisfazer-se. Desencadeia, então, uma ação cujo objetivo é a supressão da necessidade e, portanto, o preenchimento da falta. Em se tratando de corpo natural, esta falta é preenchida por um objeto também natural. A harmonia é, então, restabelecida por caminhos já pré-formados. Este é o instinto. Este mundo natural é, então, submetido à linguagem. A partir daí, todos os objetos passaram a ser significativos e o efeito imediato disso foi uma desnaturalização do corpo, das suas necessidades e dos objetivos do mundo, e o surgimento de uma nova ordem: a ordem simbólica. Como consequência disso, o objeto absoluto foi perdido, a ordem natural foi rompida, a harmonia foi quebrada e os caminhos pré-formados perdidos. Entretanto, o corpo permaneceu não-auto-suficiente e marcado pela falta. Só que agora a ação não tem uma direção pré-determinada. O homem foi, então, lançada numa errância. Não há mais objeto específico. Com isto, a satisfação plena tornou-se impossível. Estamos diante da pulsão, que se caracteriza por não possuir objeto próprio.

A sublimação, como continua GARCIA-ROZA (1990a), obtém-se, por exemplo, pelo artista em seu processo de criação, ou pelo pensador ao buscar soluções para um enigma. Estas satisfações são consideradas mais finas e superiores, socialmente valorizadas se comparadas àquelas obtidas por moções pulsionais mais grosseiras e primárias.

Ao final e ao cabo, o ser humano é um ser desejan-te, numa eterna busca de satisfação; o risco, o vôo, o salto, no momento de aventura transformam-se em objeto de desejo. Entretanto, o desejo continua a desejar, e o aventureiro corre em busca de mais e mais. Mais o quê? Ninguém sabe. Não está enunciado.

Considerações Finais

Pensar em esporte de aventura e risco e na tensão que eles suscitam é embarcar numa esfera mais fundamental da existência, naquilo que se realiza a partir das manifestações do corpo e das variações de humor. O desportista parece ser atingido em cheio em sua via de afetação, o que transcende os limites da cognição e do intelecto.

Ao se abordar uma determinada feição do lazer, o qual podemos denominar de aventureiro, recorrendo às idéias de Norbert Elias e Sigmund Freud, nos deparamos com um corpo vibrátil que luta em busca de tensão e satisfação.

O lazer surge como uma possibilidade de reação a uma mecanização imposta pelas sociedades contemporâneas. Com tantas restrições sociais os indivíduos parecem perder parcelas significativas da sensorialidade e acabam por tornar-se autômatos, onde o corpo perde sua tensão e emoção.

Sem a intensidade das emoções, as possibilidades da razão de revitalizar a carne como superfície pulsante são insignificantes. O desejo, felizmente, parece não permitir que o corpo se submeta totalmente aos limites impostos pela lógica de produção e pela moral que norteiam as práticas sociais modernas.

Referências

- AROLA, L.M.. *Nuevos deportes de aventura y riesgo*. Barcelona: Planeta, 1994.
- BRETON, D. *Passions du risque*. Paris: Éditions Métailié. Olympio, 1991.
- CAILLOIS, R. *Os jogos e os homens: a máscara e a vertigem*. Lisboa: Cotovia, 1958.
- COSTA, V. L. M. As representações de aventura e de espaço lúdico entre praticantes de atividades físicas e esportivas de risco e aventura na natureza: um estudo de núcleo central. In: S. J. Votre e V. A. Melo (orgs.). *Pesquisa etnográfica e educação física: ensaios introdutórios*. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 1997.
- ELIAS, N. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.
- ELIAS, N.; DUNNING, E. A busca da excitação no lazer. In: Norbert Elias. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel. p.101-138, 1992a.

ELIAS, N.; DUNNING, E. O lazer no espectro do tempo livre. In: Norbert Elias. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel. p.139-185, 1992b.

FREUD, S.. Os instintos e suas vicissitudes. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. volume XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1974a.

FREUD, S. O mal-estar na civilização. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. volume XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1974a.

FREUD, S. Além do princípio de prazer. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. volume XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

GARCIA-ROZA, L. A *O mal radical em Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990a.

GARCIA-ROZA, L. A. *Palavra e Verdade na Filosofia Antiga e na Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990b.

GARCIA-ROZA, L. A. *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

MAGALHÃES, L. M. A. Teorias da personalidade em Carl Gustav Jung. In: C. R. Rappaport (org.). *Temas básicos de psicologia: teorias da personalidade em Freud, Reich e Jung*. São Paulo: E.P.U.1984.

NEIBURG, F. O Naciocentrismo das Ciências Sociais e as Formas de Conceituar a Violência Política e os Processos de Politização da Vida Social. In: L. Waizbort (Org). *Dossiê Norbert Elias*. São Paulo: Edusp, 1999.

PAIS, J. M. A vida como aventura: uma nova ética de lazer. In: J. M. Pais, F. Torres e S. Cox (orgs.). *Actas do Congresso Mundial do Lazer*. Lisboa: Universidade de Lisboa, 1994.

ABSTRACT: The aim of the present study is to provide a discussion on the ideas of Norbert Elias concerning leisure activities that involve risk and adventure. Moreover, the drive of some individuals to constantly seek emotion was investigated under Sigmund Freud's interpretations. The theoretical framework used in this study aimed at a conciliation between these two scientists' theories so important to contemporary social sciences' foundations. The ideas of tension and risk were reviewed taking into account the contemporary society and finally the topic involving emotion and tension seekers was scrutinized.

KEYWORDS: Risk, leisure activities, tension